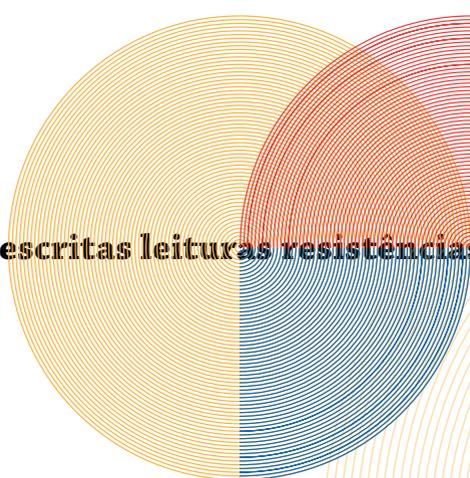


VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Auditório do IL | ICC-Sul | Subsolo



escritas leituras resistências

4 a 6 dez

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação geral:

Anderson Luís Nunes da Mata (UnB)
Coordenação do Fórum dos Estudantes:
Paula Dutra (UnB) e Grazielle Frederico
(UnB)

Organização:

Grupo de Estudos em Literatura Brasile-
ira Contemporânea

Programação

Dia 4 de dezembro

8h30 - **Abertura**

9h às 10h - **Mesa 1: Literatura e ditadura**

Memórias literárias da escola como tática de resistência

Maria Amélia Dalvi (Universidade Federal do Espírito Santo)

Figurações da ditadura na literatura brasileira contemporânea: memória e resistência

Maria Zilda Cury (Universidade Federal de Minas Gerais)

Debatedora: Rebecca Atencio (Universidade de Tulane)

4 a 6 de dezembro de 2017

Universidade de Brasília

Sartre dizia que a tarefa do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e se considerar inocente diante dele. Dentro dessa perspectiva, em tempos de golpe político e de avanço dos discursos fascistas no país, este VIII Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea pretende indagar as formas de resistência que estão sendo construídas no interior do campo literário brasileiro e suas possibilidades. Da escrita que retoma a ditadura e seus perigos ao esforço diário de pequenas editoras, livrarias e coletivos para se manterem de pé, passando ainda pela produção de escritoras/es negras/os, pobres e das periferias, e por projetos de leitura e ensino, buscar-se-á entender narrativas e gestos que, de algum modo, se estabelecem em defesa do acesso amplo e democrático à cultura e à literatura brasileira.

10h30 às 11h30 - **Mesa 2: Comunidades possíveis na contemporaneidade: resistência e conformismo**

A escrita como prática política e comunitária na atuação de Maria Valéria Rezende

Rejane Pivetta (UniRitter-Porto Alegre)
República Federativa do Consumo:
imagens do Brasil em contos de André Sant'Anna

Ligia Bezerra (Universidade do Estado do Arizona)

Debatedor: Paulo César Thomaz (Universidade de Brasília)

12h – Intervalo para almoço

14h às 15h - **Mesa 3: Literatura na universidade: repertório e representação**

Lugares do literário: representação e representatividade no ensino de literatura na Unilab

Igor Ximenes Graciano (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira)

Quarto de despejo como leitura obrigatória no vestibular: resistindo aos preconceitos

Fernanda Borges (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Debatedora: Virgínia Maria Vasconcelos Leal (Universidade de Brasília)

15:30 - **Sessão de pôsteres 1 ***

17h às 18:30h - **Mesa 4: Literatura periférica: impasses do coletivo**

Espaço, ritmo e afeto nos saraus das periferias de Brasília

Lucia Tennina – (Universidade de Buenos Aires)

Entre o fazer solitário e o fazer coletivo: Sacolinha e a Associação Cultural Literatura no Brasil

Laetícia Jensen Eble (Universidade de Brasília)

Debatedor: Jeremy Lehnen (Universidade do Novo México)

18h30 - **Lançamento de livros**

Editora Zouk:

Laetícia Jensen Eble e Regina Dalcastagnè – Literatura e exclusão

Sophia Beal - Brasil em construção: as

obras públicas na literatura do século XX
Lucia Tennina - Cuidado com os poetas!
Literatura e periferia na cidade de São Paulo

Edições Carolina:

Edma de Góis - Traçados dissonantes: corpos femininos na literatura

Editora UFPB:

Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: uma leitura sobre corpo e resistência, de Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes e Liane Schneider.

Dia 5 de dezembro

9h - **Mesa 5: Leituras e leitores**

Tal literatura, qual leitor?

Patrícia Trindade Nakagome (Universidade de Brasília)

Às vezes a gente não sabe realmente o que fazer: pensando a formação de leitoras/es a partir do Projeto Mulheres Inspiradoras

Ana Claudia Souza Dias (Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal) e Bruna Paiva de Lucena (Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal)

Debatedora: Ana Claudia da Silva (Universidade de Brasília)

10:30h - **Mesa 6: Escrito por mulheres: vida e texto na literatura e na teoria**

Poesia brasileira hoje: formas expressivas de resistência – professora/mulher/poeta/poetisa

Gabriel Albuquerque (Universidade Federal do Amazonas)

Intelectuais Outsiders: a escrita de Maya Angelou, Audre Lorde e Conceição Eva-

risto como prática do feminismo negro decolonial

Lívia Natalia (Universidade Federal da Bahia)

Debatedor: Adelaide Calhman (Universidade de Brasília)

12h - **Intervalo para almoço**

14h - **Mesa 7: Gênero e sexualidade na literatura contemporânea: presenças e ausências**

Protagonistas travestis na narrativa brasileira do século XX: subalternidade e resistência

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Lágrimas na chuva e Deixei ele lá e vim: o romance policial revisitado
Cintia Schwantes (Universidade de Brasília)

Debatedora: Lucia Osana Zolin (Universidade Estadual de Maringá)

15:30h - **Sessão de pôsteres 2***

17h - **Mesa 8: Percursos nas cidades**

A flâneuse na literatura brasileira: espaços e temporalidades contestados
Sara Brandellero (Universidade de Leiden)

Noll, nosso contemporâneo
Ricardo Barberena (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Debatedor: Pedro Mandagará (Universidade de Brasília)

Dia 6 de dezembro

9h às 10h30 - **Mesa 9: Lugares do**

literário: literatura entre outros discursos

Epistemologias alternativas na arte contemporânea do Distrito Federal

Sophia Beal (Universidade de Minnesota)

Relações entre as literaturas brasileiras e mexicanas contemporâneas: notas para pensar o espaço literário latino-americano

Erivelto Carvalho da Rocha (Universidade de Brasília)

Debatedor: Milton Colonetti (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

10:30h - **Mesa 10: Espaços e circulação**

Estética, política e crise de representação na era da literalidade

Acauam Oliveira (Universidade de Pernambuco)

Ideias que podem aparecer na cabeça de um sujeito sentado em uma cadeira (2)

Reginaldo Pujol (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Debatedora: Juliana Santini (Universidade Estadual Paulista)

12h - **Intervalo para almoço**

14h - **Premiação dos Pôsteres**

14:30 - 17:30h - **Reunião de avaliação**

18h - **Encerramento**

Resumos

Segunda-feira: 4 DE DEZEMBRO

Mesa 1: Literatura e ditadura

Memórias literárias da escola como tática de resistência

Maria Amélia Dalvi (Universidade Federal do Espírito Santo)

Durante a Ditadura Militar Brasileira, muitos escritores empenharam-se na escrita de memórias literárias da infância - entre as quais são particularmente constantes as memórias da escola. Foram taxados, pela patrulha crítica sua coetânea, de alienados, desengajados, omissos em relação ao tenso contexto de então. Revisitando esses textos hoje, parece possível supor que, lançando mão dos recursos possíveis para driblar a censura e o pesado mal-estar de uma época funesta, os escritores recorreram: à infância disciplinada por instituições conservadoras (tais como a família, a igreja e a escola); às memórias de quem sobreviveu ao processo (e sobreviveu como artista...); e à força crítica e simbólica existente no processo de pôr em correlação temporalidades diversas - como possibilidade de organização de atitudes de resistência, buscando, nas táticas de sobreviventes, meios ou argumentos para não se deixar desaparecer. No presente, no contexto político brasileiro, visitar esses textos com um olhar contemporâneo parece uma exigência ética - evidenciar, em períodos autoritários, a importância de “não esquecer” é uma forma de endossar o certo diagnóstico marxiano pondo-nos a pensar a história como tragédia, e sua repetição como farsa. Resgatando pensadores do materialismo histórico-dialético e da história cultural, ainda que conflitantes no tocante a alguns aspectos, propomos uma leitura contemporânea de algumas dessas memórias literárias da escolarização, em diálogo com textos contemporâneos que tematizam questões.

Figurações da ditadura na literatura brasileira contemporânea: memória e resistência

Maria Zilda Cury (Universidade Federal de Minas Gerais)

A apresentação se propõe a refletir sobre figurações ficcionais da ditadura civil-militar de 1964 no Brasil em dois romances da literatura brasileira contemporânea.

Mesa 2: Comunidades possíveis na contemporaneidade: resistência e conformismo

A escrita como prática política e comunitária na atuação de Maria Valéria Rezende Rejane Pivetta (UniRitter-Porto Alegre)

As formas de intervenção da literatura no espaço social têm sofrido uma expansão considerável na cultura contemporânea, fenômeno observável em manifestações como os inúmeros saraus, a reunião de escritores e escritoras em coletivos literários, a publicação em editoras cartoneras, a entrada em cena de vozes marginais, entre outras experiências que conferem usos e finalidades singulares às expressões literárias, problematizando concepções canônicas que reduzem o estético ao normativo, ao primado do individual e do privado. Na contramão desses postulados, esta comunicação propõe pensar a literatura a partir da noção de “comunidade” (Nancy, 1986; Agamben, 1990; Negri, 2009; Pelbart, 2010), estabelecida como forma de convivência social, possibilidade do público e do comum. A abordagem do tema concentra-se na análise da atuação de Maria Valéria Rezende como escritora e curadora do movimento Mulherio das Letras, grupo que reúne mulheres em alguma medida ligadas ao universo das letras, no intuito de fomentar o encontro, o debate, além de dar visibilidade ao trabalho de escritoras, editoras, livreiras, designers gráficas, professoras, etc. Pretendemos examinar a hipótese de que a escrita da escritora institui-se na emergência de uma comunidade literária aberta, no cerne da qual a literatura se realiza como participação coletiva, reconhecimento das alteridades e exercício político de ocupação do sensível (Rancière, 1995).

República Federativa do Consumo: Imagens do Brasil em contos de André Sant’Anna

Ligia Bezerra (Universidade do Estado do Arizona)

Nesta comunicação, discutiremos a representação do Brasil como uma nação distópica de consumidores nos contos de *O Brasil é bom* (2014), de André Sant’Anna. Mostraremos na análise como Sant’Anna explora as tensões dentro da “velha” classe média em relação à ascensão econômica da classe trabalhadora no país durante o governo do Partido dos Trabalhadores. A coletânea de contos em questão, que está estruturada de maneira semelhante a outras obras do autor, captura cenas do cotidiano brasileiro, mostrando interações entre indivíduos cujos discursos por vezes revelam a crescente tomada de força do pensamento de extrema direita no país.

Mesa 3: Literatura na universidade: repertório e representação

Lugares do literário: representação e representatividade no ensino de literatura na Unilab

Igor Ximenes Graciano (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira)

O ensino de literatura é hoje, talvez, um dos maiores desafios teóricos dos estudos literários, ainda que haja poucas publicações sobre o assunto na produção acadêmica brasileira. O “problema” do ensino parece não estar, contudo, nas possibilidades pedagógicas diante dos objetos literários (entendidos em sentido amplo), mas no deslocamento da literatura no debate público depois dos projetos nacionalistas ou das vanguardas, por exemplo. A partir da experiência de meu primeiro ano letivo como professor de teoria da literatura no Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Unilab, campus dos Malês, na região do recôncavo da Bahia, pretendo elencar e discutir alguns elementos que dificultam o processo da aprendizagem das disciplinas de literatura entre os estudantes brasileiros e africanos da instituição. Assim, num ambiente de reiterada afirmação de si e de amadurecimento de um projeto que se cumpre de “virada epistemológica”, alguns pressupostos dos estudos culturais e da militância identitária parecem mostrar-se insuficientes na abordagem pedagógica da literatura para a formação de professores. Identificamos entre os estudantes de letras uma demanda incipiente por narrativas que extrapolam o universo e as temáticas relacionadas à África e à diáspora. Não se trata, porém, de uma disposição conservadora, mas de um desejo, próprio da fruição ficcional, de lançar-se no imaginário do outro sem perder de vista a consciência política, e estética, do seu lugar.

Quarto de despejo como leitura obrigatória no vestibular: resistindo aos preconceitos

Fernanda Borges – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Em 2017 o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, tornou-se leitura obrigatória em dois importantes vestibulares do país: o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O que parece, e é, uma grande conquista referente à democratização das representações literárias em um contexto que influencia jovens leitores, como é o caso da seleção de obras exigidas para ingresso nessas universidades, enfrenta ainda muitos obstáculos, principalmente o discurso preconceituoso que visa a deslegitimar a literatura de Carolina Maria de Jesus, o qual alega que os diários da autora não são literatura, mas “somente” a representação de uma camada social. Dessa forma, no que concerne ao âmbito sul-rio-grandense, pretende-se analisar, discutir e problematizar algumas consequências positivas e

negativas da inserção de Quarto de despejo na seleta e tradicional lista de leituras obrigatórias da UFRGS, por exemplo, como essa escolha evidenciou o esforço por manter intocado e cristalizado um conceito de literatura que apenas reforça lugares de fala tradicionalmente hegemônicos. No entanto, cabe ressaltar também, apesar das dificuldades enfrentadas, fatores positivos da recepção da obra por parte de estudantes e professores, o que reforça o movimento de valorização dessa escritora cujo texto comove e surpreende, sobretudo por sua linguagem artística e pungente.

Mesa 4: Literatura periférica: impasses do coletivo

Espaço, ritmo e afeto nos saraus das periferias de Brasília

Lucia Tennina (Universidade de Buenos Aires)

Nesta apresentação, que forma parte de um projeto em andamento, centrarei o meu foco de análise na produção dos saraus das periferias de Brasília, pensando o seu relacionamento com a cidade. Trabalharei sob a base de três dimensões: a dimensão legal, a dimensão afetiva e a dimensão rítmica. Numa cidade tão cuidadosamente distribuída e tão enorme, ao mesmo tempo, a ocupação tornou-se uma marca de origem que foi praticada por muitos moradores das periferias (Borges, 2004) e que ecoa em algumas práticas atuais dessas regiões, como os saraus, como uma forma de se fazer espaço além do controle e da negligência que pesam sobre eles. Paralelamente, os saraus são espaço de construção de um espaço simbólico, que reúne pessoas com as mesmas afetações (Deleuze, 2008), criando uma comunidade afetiva marcada pela mesma história de vida. Finalmente, os saraus das periferias de Brasília oferecem uma Brasília habitada desde um ritmo (Barthes, 2003) outro, que não somente se percebe nas falas das declamações, mas também nos próprios tempos dos encontros, determinados pelo tempo do transporte, do bairro, da própria vida na periferia.

Entre o fazer solitário e o fazer coletivo: Sacolinha e a Associação Cultural Literatura no Brasil

Laetícia Jensen Eble (Universidade de Brasília)

A noção de que o livro e a leitura podem mudar a vida de alguém e, consequentemente, mudar o mundo, costuma ser consenso entre escritores. Nas periferias, a literatura também é encarada como uma alternativa ao crime. Nesse contexto, apresentamos o trabalho do escritor Ademiro Alves, mais conhecido como Sacolinha, à frente do coletivo Associação Cultural Literatura no Brasil (ACLB). Em atividade há 15 anos, a ACLB promove diversos projetos de incentivo à leitura e à produção literária no município de Suzano e região, tais como o Sarau Literatura Nossa, a Comunidade do Conto e o Sarau nas Escolas, entre outros. A análise se desenvolve sob a perspectiva da educação não formal, visando demonstrar a importância de seu papel ao proporcionar inclusão social por meio do resgate da riqueza cultural dos participantes.

Terça-feira: 5 DE DEZEMBRO

Mesa 5: Leituras e leitores

Às vezes a gente não sabe realmente o que fazer: pensando a formação de leitoras/es a partir do Projeto Mulheres Inspiradoras

Ana Claudia Souza Dias (Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal)

Bruna Paiva de Lucena (Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal)

Em um país em que uma em cada cinco pessoas não compreende o que lê, é imediata a constatação de que as políticas e as práticas de formação de leitores de literatura no contexto escolar não estão atingindo o objetivo a que se destinam. Lidar com alunas(os) reais que não sabem ler, que não gostam de ler e que veem a literatura como algo desconexo de suas vidas é um enorme desafio, que muitas vezes transforma a prática pedagógica em impossibilidade de concretização de objetivos de estudantes e docentes, não se cumprindo a finalidade do processo educativo como uma forma de acesso ao mundo. Esta comunicação tem o intuito de discutir essa problemática, a partir da vivência do Projeto Mulheres Inspiradoras, da Secretaria de Educação do Distrito Federal por estudantes do ensino médio no âmbito da disciplina de língua portuguesa, em que se privilegiou a leitura de obras escritas por mulheres. Para isso, será pensado o papel tanto da escola como da universidade, espaços de potente conexão e intervenção na busca e efetivação da formação de leitoras/es literários.

Tal literatura, qual leitor?

Patrícia Trindade Nakagome (Universidade de Brasília)

O título desta comunicação dialoga com o livro de Flora Süssekind Tal Brasil, qual romance?. Ao identificar a persistência do naturalismo na ficção brasileira, a autora discute as consequências trazidas para nossa literatura na busca por representar uma suposta realidade nacional. Trata-se, assim, de um questionamento sobre a relação entre o texto e o que lhe é externo, a qual também embasa nossa exposição. No nosso caso, não nos voltamos para a semelhança estabelecida entre realidade nacional e literatura, mas sim entre literatura e o público leitor brasileiro. Para tanto, voltamo-nos ao campo literário contemporâneo, indagando sobre as relações aparentemente diretas entre obra e leitor, entre o texto e sua leitura, as quais carregam implicações metodológicas e até mesmo éticas. Em torno desses dois eixos, levantamos questões sobre alteridade, afeto, acaso e formação, fundamentais, a nosso ver, para pensarmos a literatura brasileira na contemporaneidade.

Mesa 6: Escrito por mulheres: vida e texto na literatura e na teoria

Poesia brasileira hoje: formas expressivas de resistência – professora/mulher/poeta/poetisa

Gabriel Albuquerque (Universidade Federal do Amazonas)

Esta investigação, ainda em fase inicial, nasce de duas forças: a verificação do lugar modesto que a poesia vinha ocupando em nosso grupo de pesquisa e a provocação feita por Maria Lúcia Dal Farra no artigo “Cecília Meireles: imagens femininas” (Cadernos Pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.333-371). A primeira força levou-me a definir um campo próprio para a investigação, qual seja, a produção de escritoras que fazem poesia e têm um perfil bastante específico (são doutoras, trabalham como professoras e tem produção considerável). A segunda força leva necessariamente à provocação de Dal Farra, citando a própria Cecília Meireles: “considera-se que o poeta tem sempre coisas a dizer, mas a poetisa não. Tal como o homem (a mulher) também tem uma experiência humana”. A partir dessas constatações, proponho uma leitura breve da produção de quatro poetisas: Edilamar Galvão, Luciana Martins, Tatiana Pequeno e Priscila Figueiredo. Nesse campo de leitura, busco ainda verificar as marcas expressivas nesses discursos e as formas de resistência (experiência humana) que deles emergem.

Intelectuais outsiders: a escrita de Maya Angelou, Audre Lorde e Conceição Evaristo como prática do feminismo negro decolonial.

Lívia Natalia (Universidade Federal da Bahia)

A noção tradicional de intelectual - homem, branco, heterossexual - encontra-se defasada em relação às produções das intelectuais afrodiáspóricas do século XX e XXI, quando unidas à noção de descolonização mental (Cf. FANON, 2008) o fosso se amplia, de modo que os conceitos de biografia, escrita biográfica e bioficção deixam vaziar de suas estruturas as formas divergentes de construção de conhecimento nos textos destas autoras. Este trabalho tem, como foco, a análise de três textos das referidas autoras - explorando a fluidez das fronteiras entre texto ficcional e teórico - buscando definir o que aqui nomeio “intelectualidade outsider” na tentativa de estabelecer as formas pelas quais se cruzam, na escrita, a biografia, a teoria e o posicionamento político.

Mesa 7: Gênero e sexualidade na literatura contemporânea: presenças e ausências

Protagonistas travestis na narrativa brasileira do Século XX: subalternidade e resistência

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

O presente trabalho discute a condição de subalternidade e a perspectiva de resistência na construção de personagens centrais travestis na literatura brasileira do século XX. Para tanto, tomamos por base a noção de sujeito subalterno de Spivak (2010), relacionando seu espaço de “fala” na literatura a partir da maneira como personagens circulam nas narrativas. Faremos menção a alguns contos e romances brasileiros do século XX, para discutir a condição de subalternidade dessas protagonistas, que dividimos em três eixos de representações recorrentes nas obras estudadas: violências sofridas, exílio da família e de cidades de nascimento, situação socioeconômica. O objetivo é chegar a um argumento crítico sobre a recorrente situação de subalternidade das protagonistas travestis na literatura brasileira, corroborando uma possível relação de mimetização ou de realismo nessa faceta da literatura com o que se verifica no âmbito de sociedades patriarcais e heteronormativas. Nesse sentido, partimos de três bases teóricas: estudos antropológicos sobre a travestilidade, a partir de Benedetti (2005), Kulick (2008), Oliveira (1994), Silva, (2007) e Pelúcio (2009); estudos sobre o corpo como instância de subversão e dominação, a partir de Foucault (2014, 2013), Preciado (2015) e Butler (2010, 2013); estudos literários, envolvendo a personagem como elemento narrativo relevante e as questões de gênero e de sexualidade, a partir de Candido (2007), Barcellos (2006), Xavier (2007).

Lágrimas na chuva e Deixei ele lá e vim: o romance policial revisitado
Cintia Schwantes (Universidade de Brasília)

A reescritura de obras famosas ou de gêneros estabelecidos é uma das características da literatura do fim do sec. XX e início do sec. XIX. Essa apropriação intertextual tem efeitos diversos, que apontam para os limites da representação, especialmente de personagens radicados em grupos minoritários, como são as narradoras protagonistas de *Lágrimas na chuva*, de Rosa Montero e *Deixei ele lá e vim*, de Elvira Vigna. Esse artigo pretende analisar os dois romances a partir dos pressupostos dos estudos de gênero. Ambos se apropriam de tropos do gênero romance policial e os subvertem para possibilitar a representação de protagonistas que não encontrariam espaço em narrativas convencionais.

Mesa 8: Percursos nas cidades

A flâneuse na literatura brasileira: espaços e temporalidades contestados
Sara Brandellero (Universidade de Leiden)

A questão do espaço, e sua ‘produção’, conforme Lefebvre (1975), vem se revelando uma rica área de pesquisa para os estudos literários, isso também quando pensada

em relação a questões ligadas à mobilidade em suas diferentes realidades: desde experiências de migração e diáspora a trânsitos urbanos, para citar alguns exemplos. Neste contexto, a figura do flâneur, intrinsecamente ligada às experiências e representações da modernidade urbana, tem atraído considerável interesse crítico. Em geral, pouco explorada ainda é a figura de seu equivalente feminino, a flâneuse, pois, como bem observa Wolff (1985), a experiência da modernidade tem sido, em grande parte, narrada desde um ponto de vista predominantemente masculino. Nesta apresentação, pretendo investigar textos que de alguma forma parecem dialogar com este paradigma da mobilidade moderna, vendo de que forma podemos pensar mulheres em trânsito na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres como tentativas de re-escrever a experiência desta mobilidade, agora como um ato político e de busca de empoderamento feminino. Partindo do conto 'Amor', de Clarice Lispector, e discutindo em seguida textos de autoras como Maria Valéria Rezende e Miriam Alves, pretendo investigar o que acontece quando a figura literária mais tradicionalmente associada às figurações poéticas de Baudelaire, como um 'botânico das calçadas' (1926), reencarna, em algumas de suas figurações literárias, mulher e brasileira.

Noll, nosso contemporâneo

Ricardo Barberena (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

O que é escrever ficção hoje? Talvez seja habitar uma espécie de "grau zero" onde a tradição esteja gravemente desestabilizada, e que assim aflua ao agora em estado de deformação, corrosão. O eixo da nova era não está tanto no protagonista exemplar, mas no déficit que ele deve expor sem relutância no meio do entrevero de sua história. Ah, existem momentos de contemplação lírica em sua viagem (como não?), mas ela vem sob uma membrana amortecida, lembranças do que se perdeu. No entanto, mesmo assim, não podemos retirar a palavra "exultação" do nosso vocabulário. Seja no sexo compulsivo, no enlace amoroso, em que pese às vezes provisório, no escárnio carnavalesco, em todas essas formas existe a tentativa de se sair do impasse. É da força que pode advir nesse universo ficcional que surge a sua função política, não um regramento salvacionista, as microexplosões balsâmicas que afastam o leitor do conformismo, abrindo-lhe de surpresa um limiar.

Quarta-feira: 6 DE DEZEMBRO

Mesa 9: Lugares do literário: literatura entre outros discursos

Epistemologias alternativas na arte contemporânea do Distrito Federal
Sophia Beal (Universidade de Minnesota)

Duas obras contemporâneas, oriundas da periferia do Distrito Federal, ressaltam a violência epistêmica da tendência excludente de privilegiar espaços, gêneros artísticos e formas de comunicação da elite. O documentário Branco Sai, Preto Fica (2014) de Adirley Queirós e o poema “Tinha um EIXO atravessando meu peito” de Meimei Bastos (2015) apresentam epistemologias alternativas (um termo de Patricia Hill Collins) que valorizam linguagens artísticas periféricas, espaços geográficos marginalizados a as experiências vividas dos artistas periféricos como uma fonte de conhecimento. Dessa forma, o filme e o poema associam a arte periférica com a produção de conhecimento, assim produzindo um novo espaço epistemológico.

Relações entre as literaturas brasileiras e mexicanas contemporâneas: notas para pensar o espaço literário latino-americano

Erivelto Carvalho da Rocha (Universidade de Brasília)

As notas que seguem apresentam as diretrizes de uma pesquisa em construção, daí o seu caráter prospectivo. Elas destacam três tipos de relações quando pensamos as conexões entre os sistemas literários brasileiro e mexicano contemporâneos: a) relações entre projetos tradutórios português-espanhol e vice-versa; b) relações entre poéticas literárias próximas; c) intercâmbios culturais de criadores ou críticos em contato com o outro país do par em destaque. Busca-se, a partir dessas relações, refletir sobre um espaço literário latino-americano a partir das noções de recepção e intertextualidade.

Mesa 10: Espaços e circulação

Estética, política e crise de representação na era da literalidade

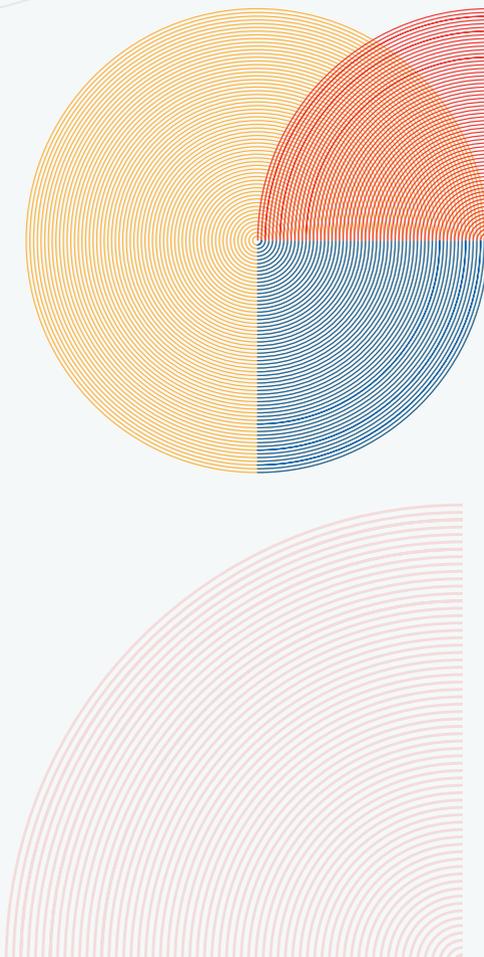
Acauam Oliveira (Universidade de Pernambuco)

A presente comunicação se propõe a refletir sobre alguns aspectos do debate contemporâneo acerca da crise de certo modelo de representação estética, que atinge também determinado tipo de recepção e produção de obras artísticas. Acreditamos que tais transformações, bem como o conjunto mais ou menos orgânico de incompreensões e mal-entendidos delas decorrentes, estão no cerne das recentes polêmicas envolvendo duas exposições artísticas: o Queer Museum em Porto Alegre a a performance do artista Wagner Schwartz no MAM, em São Paulo. Iremos nos concentrar não tanto no conteúdo dessas polêmicas, mas no conjunto de respostas oferecidas pela esquerda, que em certa medida parecem expressar uma profunda fragilidade em sua capacidade de imaginação política, diretamente vinculada tanto aos já aludidos processos de transformação nos parâmetros de representação quanto a mudanças fundamentais no cenário sociopolítico atual.

Ideias que podem aparecer na cabeça de um sujeito sentado em uma cadeira (2)

Reginaldo Pujol (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Sentar-se numa cadeira e esperar: uma bala destinada a outros; convidados; as horas passarem; mais um dia; uma ideia inesperada. Há tantos trabalhos feitos de espera, de esperas. Mas por que esperamos todos os dias? Talvez esse texto passe por essas e outras questões que estão paradas há tanto tempo, em tantos lugares e pessoas.



Fórum dos estudantes (pôsteres)

A “mulher subversiva” da ditadura militar em Bernardo Kucinski e Maria Pilla
Aline Teixeira Lima, Mestranda, Universidade de Brasília

Este trabalho tem por objetivo problematizar a representação na literatura contemporânea das mulheres militantes no período ditatorial brasileiro e argentino. Com base na análise dos romances *K.: relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, e *Volto semana que vem* (2015), de Maria Pilla, pretende-se comparar, sob a perspectiva dos estudos de gênero, como essas personagens são construídas/desconstruídas, tanto na autoria feminina quanto masculina, resgatando memórias de acontecimentos traumáticos.

Palavras-chave: representação, mulher, ditadura, Bernardo Kucinski, Maria Pilla.

Efeitos do apagamento da autoria feminina na literatura

Amanda Maria Garcia Holgado de Oliveira, Mestranda, Universidade de Brasília

Muitas foram as barreiras colocadas ante à presença e à participação das mulheres na esfera pública, e ainda hoje, alguns meios lhes são cerceados. Tendo em vista uma perspectiva estatística a respeito do campo literário brasileiro contemporâneo, este trabalho buscará respostas no resgate de escritoras brasileiras e no que este apagamento representou para a consolidação do chamado cânone literário.

Palavras-chave: autoria feminina; resgate; literatura contemporânea brasileira.

O romance falhou? A escrita contemporânea “não criativa” de Luci Collin

Andiara Maximiano de Moura, Doutoranda, Universidade Estadual de Maringá

Há aproximadamente um século, devido o surgimento das mais diversas tecnologias e mídias, o mundo artístico vem se desvinculando do convencional modelo de Arte, que está centrado no belo, no perfeito, no criativo; para dar espaço às novas noções de identidade e cultura. De acordo com Goldsmith (2015), com exceção da escrita, que busca manter seu caráter de identidade autêntica e estável, a cultura da Arte tem aceitado o mundo digital e toda a sua complexidade, como representação de fragmentação e inovação artística. Assim, algumas figuras das letras contemporâneas tem se desvinculado dessa estabilidade, subvertendo a própria estrutura literária de seus textos, como é o caso das narrativas de Luci Collin. Com base nisso, o pôster tem como objetivo demonstrar/analisar as estratégias de subversão dos modelos convencionais da arte literária empreendidas nos romances *Com que se pode jogar* (2011) e *Nossa Senhora d’Aqui* (2015), de Luci Collin. Interessa-nos investigar o teor crítico desses códigos ideológicos e estéticos, definidos por Goldsmith (2015) e Perloff

(2013) de “recorte e cole” e “não original”, as influências de diversas tecnologias e mídias contemporâneas, os temas e as representações de personagens e ideologias difundidas. As análises estão fundamentadas em teorias e conceitos empenhados em pensar as estratégias narrativas contemporâneas ou pós-modernas, que problematizam a criatividade literária e as multimodalidades, como Godsmith (2015), Hutcheon (1991; 2011) e Perloff (2013).

Palavras-chave: Narrativa pós-moderna, Escrita contemporânea, Luci Collin, Multimodalidades, Adaptação.

A memória e seu constructo em Sombras de reis barbudos e K.: relato de uma busca

Andressa Estrela Lima, Mestranda, Universidade de Brasília

Este trabalho busca realizar um estudo das similaridades existentes entre as obras *Sombras de reis barbudos* (1975), de José J. Veiga, e *K.: Relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, no que diz respeito ao discurso ficcional e historiográfico, à construção da memória e à escrita biográfica e autobiográfica para se entender o processo ditatorial a partir dessas narrativas. Diante disso, conclui-se parcialmente que ambas as obras percorrem um caminho entre a realidade e a ficção, constatando também que a elaboração da memória envolve tanto a privacidade do indivíduo, quanto a teia de conexões que perpassam a coletividade. Nesse sentido, essas representações ditatoriais, por mais que sejam ficcionais, expõe fatos da história oficial na tentativa de elaborar o passado, proporcionando uma contribuição social e esclarecimentos em torno das heranças ditatoriais.

Palavras-chave: Memória, Testemunho, Biografia, Autobiografia, Ditadura Militar, Bernardo Kucinski, José J. Veiga.

Bernardo Kucinski e Alan Pauls: a memória da ditadura na ficção contemporânea brasileira e argentina

Berttoni Licarião, Doutorando, Universidade de Brasília

O trabalho consiste em comparar a ficção de dois autores contemporâneos, Bernardo Kucinski e Alan Pauls, cujas obras abordam os períodos de ditadura militar no Brasil e na Argentina, respectivamente. Levanta-se a hipótese de que as estruturas estéticas e narrativas dessas obras, escritas em meio a processos de redemocratização e abertura de Comissões da Verdade, representam a vivência do trauma de diferentes perspectivas, definidas pelo grau de crueldade e extermínio das máquinas repressoras, e pelo papel que a memória desses períodos exerce no imaginário de cada país. A partir de uma perspectiva dialógica (Mikhail Bakhtin), auxiliada por teorias sobre memória (Paul Ricoeur, Rebecca Atencio, Joël Candall) e trauma (Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva, E. Ann Kaplan), pretende-se investigar de que maneira as diversas vozes do presente diegético se articulam em relação aos discursos passados, bem como de

que forma as obras de Kucinski e Pauls resgatam e atualizam uma memória da literatura para produzir novos efeitos de leitura sobre aquele período da história recente da América Latina.

Palavras-chave: Ditadura, memória, trauma, Bernardo Kucinski, Alan Pauls.

Relatos e memória: uma comparação de Feliz ano velho e Ainda estou aqui
Bruna Santos Pereira, Mestranda, Universidade de Brasília

Este trabalho compara as passagens em comum aos livros *Feliz ano velho* e *Ainda estou aqui*, ambos de autoria de Marcelo Rubens Paiva. Essas passagens contam a história da prisão de Rubens Paiva e falam sobre Eunice, mãe de Marcelo, que se tornou a completa responsável pela família e atualmente sofre do Mal de Alzheimer. Além disso, propõe-se analisar as questões ligadas à memória e biografia presentes na narrativa das duas obras considerando como as cenas em comum são descritas, a mudança do narrador devido ao passar do tempo e as diferentes formas de contar o mesmo relato.

Palavras-chave: Marcelo Rubens Paiva, Memória, Narrativa, Ditadura.

Os eixos que dividem Brasília: poesia e periferia em Meimei Bastos
Carina Lobato, Graduanda, Universidade de Brasília

A partir da leitura dos poemas de Meimei Bastos, pretende-se analisar como a relação da poeta - negra, mulher e moradora da periferia - com a cidade de Brasília se reflete em sua produção poética e como se estabelecem, segundo o olhar da artista, as barreiras econômicas e culturais existentes entre o Plano Piloto e as cidades do entorno. As obras de outras poetisas brasilienses e moradoras das periferias serão apresentadas, com o intuito de trazer uma visão mais panorâmica dessa produção poética e de traçar um diálogo entre os textos.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea, cidade, periferias, Brasília, Meimei Bastos.

Brasília exata e indeterminada: a racionalidade geométrica e a vivência criativa do cotidiano em João Almino

Carlos Wender Sousa Silva, Graduando, Universidade de Brasília

A partir da leitura do artigo “O mito de Brasília e a literatura” de João Almino, pretende-se analisar o contraste entre a cidade planejada (e sonhada) e as manifestações artísticas do grafite que, vindas da periferia, permeiam o espaço cartesiano de Brasília, com seus problemas sociais, caos urbano e diversidade cultural. A análise do romance *Cidade livre*, do mesmo autor, permeará essa discussão em torno da racionalidade e irracionalidade da cidade, de sua organização calculada e das relações humanas a partir disso.

Palavras-chave: Brasília, literatura, espaço, organização, manifestações artísticas, contraste.

Sapatos e trombone, cartas e martelos: narrativas à margem dos pilotis
Dalva Martins de Almeida, Doutoranda, Universidade de Brasília

Cartas, fotografias, trombone, bigornas e sapatos preservados, não são apenas coisas que se guardam, relíquias de famílias ou propriedade de acumuladores. Cada ranhura, o tom em sépia das fotografias, o apagar das letras, os desgastes pelo uso, pela extenuidade das mãos trabalhadoras na busca pela sobrevivência implicam em um tipo de memória, por um lado. Por outro, representam o modo de ser e estar de um povo especial: o candango. Candango, palavra africana que significa “trabalhador braçal”, foi tido como coadjuvante na construção da capital federal. Nos canteiros de obras que ergueram Brasília, suas vozes foram massificadas, concretadas em um único bloco sociocultural, e transferidas para longe do centro, onde o suor de seu trabalho significou o sal que temperou aquela terra, e não podia mais abrigá-los. Quem ouviu suas histórias? A partir dessas constatações, a costura desse texto dar-se-á pelo manuseio de objetos: cartas, fotografias, martelos, maletas, materiais de sapateiro, assim como pela escuta de vozes marginalizadas, representadas por alguns moradores da cidade do Gama, para revelar histórias entrelaçadas das outras “Brasílias”.

Palavras-chave: Polifonia, narrativas, memória, espaço, oralidades.

Vozes em movimento: Brasília contada através das margens
Daniel Rocha, Graduando, Universidade de Brasília

A partir da coleta de produções literárias, manifestadas nos saraus e slams das cidades satélites brasilienses, e de entrevistas feitas aos protagonistas destes (organizadores, frequentadores e artistas), pretende-se analisar como os movimentos de deslocamento entre o centro e a periferia influenciam na produção e representação de identidade das comunidades locais em relação ao centro, Brasília.

Palavras-chave: Saraus, Brasília, Periferia, Representação, Deslocamentos.

A ficção da classe C: periferia e desenvolvimento na literatura Brasileira contemporânea

Diego Bustos, Doutorando, Universidade do Novo México

A crise política, social e econômica no Brasil permite deixar ver por contraste as narrativas que foram importantes no surgimento da cultura como parte de uma estratégia de luta contra a desigualdade durante os primeiros anos do século XX, especificamente sob os governos do Partido dos Trabalhadores. Neste trabalho, argumento que uma narrativa dada do desenvolvimento sempre esteve presente na imaginação e promulgação das políticas culturais desse projeto político. Parte fundamental dessa

narrativa foi o surgimento e avaliação das subjetividades da chamada Classe C ou novas classes médias. Diversos projetos narrativos comentam, propõem e problematizam essas subjetividades em textos que são ao mesmo tempo alegorias culturais do desenvolvimento e ficções de ascensão social num contexto de desigualdade. Dentro desse grupo, temos projetos como Guia afetivo da periferia, do escritor e ativista brasileiro Marcus Vinícius Faustini, Psico, de Julio Ludemir, Estação terminal, de Sacolinha e Panfleto, de Junior Perim. Todas são ficções do desenvolvimento que propõem narrativas de inclusão que comentam os limites e possibilidades de cidadania na democracia brasileira atual.

Palavras-chave: Periferia, Classe C, Nova Classe Média, Memória, Cidade, Cidadania.

Uma reflexão sobre a anti-política e o Estado de exceção no romance História natural da ditadura

Graziele Frederico, Doutoranda, Universidade de Brasília

O romance História natural da ditadura, de Teixeira Coelho, foi publicado pela editora Iluminuras em 2006. A obra apresenta um narrador que conta a experiência de um jovem estudante de direito, opositor da ditadura militar brasileira, que fugiu para Paris no início dos anos 70. Em meio aos relatos, o narrador traça uma análise sobre a ditadura militar brasileira e o fato daquele estado de exceção ali estabelecido não ter sido encerrado, mesmo nos governos democráticos recentes. Por fim, ele elabora uma crítica literária supostamente sobre a própria obra, que está presente no último capítulo do livro. Este narrador questiona por diversas vezes o poder da sociedade sobre o indivíduo, e como a primazia do coletivo é imposta ao sujeito, concluindo que a liberdade está sendo suprimida em prol de modelos de sociedades propostos, à direita e à esquerda, desde os anos 1960. O romance é bastante centrado no olhar para o sujeito e na submissão do indivíduo pelo coletivo. Quando pensamos a responsabilidade sobre o Outro e o acolhimento do rosto para Emmanuel Levinas (1980), há uma abertura para a pluralidade, algo que também está presente nas defesas feitas pelo narrador. Este narrador traz o sujeito para a questão da responsabilidade sobre suas ações, o que é compatível com o projeto de Levinas, mas falta a essa discussão o elemento de interação com o Outro que completa o Mesmo, conforme defendido por Judith Butler (2015). A defesa no romance de que vivemos em estado de exceção permanente traz um conceito derivado das ideias de Giorgio Agamben, este trabalho buscará refletir sobre o lugar de fala desse narrador e o que ele silencia com relação ao posicionamento político que adota.

Palavras-chave: ditadura militar, representação literária, Estado de exceção, política, anti-política.

“E se alguém se crê normal, será melhor que se apresse a esconder as antenas”

Isadora Maria Santos Dias, Mestranda, Universidade de Brasília

Em uma sociedade que sistematicamente inferioriza e pune corpos com deficiência, se fazem necessárias narrativas, discursos que se contraponham a essas violências. Nesse sentido, e baseada no modelo social da deficiência e estudos sobre deficiência, analisarei o romance *O corpo em que nasci* (2013), de Guadalupe Nettel. Buscando compreender como está representada a personagem com deficiência, quais espaços ela acessa e, fundamentalmente, articulando as possibilidades de resistência de corpos, pessoas deficientes nos espaços sociais presentes no romance.

Palavras-chave: representação, deficiência, Guadalupe Nettel, *O corpo em que nasci*.

O que nos contam os muros? Relações entre a rua, o grafite e o feminino
Ix Chel Barbosa de Carvalho, Graduada, Universidade de Brasília/
UFRJ

A partir do percurso pelas ruas de Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal, destacam-se os muros. Eles narram sujeitos que existem, ocupam e pertencem à cidade, e as paredes são o espaço de fruição dessas identidades. Dentre as expressões que se fundem e afetam o cotidiano dos moradores de Taguatinga, traços geométricos compõem a assinatura de Brixx Furtado: artista plástica, designer, grafiteira, pichadora, mulher. Este trabalho pretende delinear como esse espaço de criação – a rua – é ocupado pelo grafite, pelo picho e pelo feminino.

Palavras-chave: identidade, pertencimento, cidade, grafite, feminino, Brixx Furtado.

Representações da ditadura brasileira no romance pós-ditatorial
João Pedro Coleta da Silva, Graduando, Universidade de Brasília

Este trabalho pretende analisar as diferentes formas de representação da ditadura militar brasileira dos anos 1964-1985 e de seus ecos em romances brasileiros contemporâneos. A partir da constatação do resgate desse tema nos últimos anos, o qual marcou a produção literária das décadas de 1970 e 1980, busca-se investigar as motivações por trás de tal retomada e os tratamentos estéticos adotados para isso, especialmente em obras escritas por autores pertencentes à geração pós-ditatorial. Intenta-se, por fim, pesquisar as implicações éticas decorrentes da representação de um período histórico marcado por diferentes formas de violação dos direitos humanos.

Palavras-chave: representação, literatura e ditadura, literatura e ética, romance brasileiro contemporâneo.

A profissionalização literária: anos de formação
Larissa Lacerda Nakamura, Mestranda, Universidade Federal da Bahia

O presente trabalho tem por objetivo investigar a profissionalização do escritor brasileiro, tendo como pano de fundo os anos 70-80. Pode-se afirmar que viver somente

dos lucros advindos da vida literária ao longo de muitos anos, para muitos dos nossos escritores nacionais, representou um anseio, um desejo por vezes inalcançável devido ao contexto histórico-cultural pouco propício no campo literário para a consolidação de tal carreira em termos profissionais. Assim, pensando nas instâncias que incidem sobre a definição do que significa ser um literato profissional, torna-se necessário refletir e pesquisar sobre as condições que propiciaram o surgimento de tal figura no nosso campo literário e como ela é compreendida na contemporaneidade. O intento do trabalho é, portanto, desenvolver um breve panorama sobre o contexto cultural dos anos 70/80 e as mudanças responsáveis pelo início da profissionalização literária e institucionalização de um espaço para as artes no país.

Palavras-chave: Profissionalização literária, Escritor, Campo literário.

Fotografia e literatura na Amazônia: Cláudia Andujar e Bernardo Carvalho
Marina Sousa Teixeira, Graduanda, Universidade de Brasília

O trabalho científico desenvolvido recupera os principais personagens indígenas da literatura brasileira do século dezoito até o século vinte com a finalidade de contrastar as mudanças na representação desse grupo marginalizado em relação à literatura brasileira contemporânea (DALCASTAGNÈ, 2002). Para isso é usado o livro *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, que conta a história de um antropólogo norte americano que cometeu suicídio na tribo dos índios Krahô. Os mecanismos dessa produção literária são apoiados em documentos e relatos de pessoas reais que são transfigurados com o objetivo de fundamentar as partes da história ficcional (HUTCHEON, 1991). A análise principal é a relação do índio com as margens da representação no âmbito literário, fator que sempre foi demarcado com autores e com assuntos, de uma forma estratégica para cada período histórico.

Palavras-chave: indígenas, literatura brasileira contemporânea, grupo marginalizado, representação.

Escrituras do grotesco: violência, caos e subversão na literatura contemporânea de autoria feminina

Maristela Valério, Doutoranda, Universidade Estadual de Maringá

As obras das escritoras Patrícia Melo, Veronica Stigger e Ana Paula Maia possuem em comum elementos que mostram a fragilidade do ser humano em diversas instâncias sociais, sejam estas referentes ao corpo ou a constituição moral e ética dos sujeitos. As obras nos levam a refletir a respeito da sociedade contemporânea, que nos termos de Bauman (2005), se caracteriza por sua liquidez e fragmentação, levando os indivíduos a entrarem em colapso. Isso nos permite pensar a respeito dos comportamentos dos personagens das obras das autoras a partir do conceito de grotesco, porém adaptado à contemporaneidade, pois diferentemente das formas estabelecidas para o uso do termo, aqui ele estaria relacionado à própria maneira como a realidade

se configura, com indivíduos cada vez mais desnaturalizados em prol da lógica do sistema capitalista. Recheadas de elementos e situações grotescas, as narrativas das escritoras constituem um cenário literário onde o marginal e a violência, real ou simbólica, fazem parte do cotidiano das personagens, estabelecem novos códigos de conduta e dão margem a um discurso subversivo a respeito da contemporaneidade. Dessa maneira, com esta abordagem pretende-se trazer à tona o teor subversivo das narrativas e discutir questões referentes à época em que vivemos.

Palavras-chave: literatura contemporânea, grotesco, violência, contemporaneidade.

Ceilândia: a visão de dentro em um cinema de fora

Michel Araújo, Graduando, Universidade de Brasília

O presente trabalho busca apresentar e discutir as representações da cidade de Ceilândia, assim como de seus personagens, a partir das observações do ceilandense Adirley Queirós e do brasiliense René Sampaio, diretores dos longas-metragens *Branco sai, preto fica* (2014) e *Faroeste Caboclo* (2013), respectivamente. Considerando as implicações estéticas, políticas e de linguagem cinematográfica dos olhares “de dentro” (de Adirley Queiros) e “de fora” (de René Sampaio) da periferia de Brasília.

Palavras-chave: Ceilândia, Adirley Queirós, representação, cinema

Trânsitos e assinaturas na poesia contemporânea

Nivana Ferreira da Silva, Doutoranda, Universidade Federal da Bahia

A proposta parte de uma reflexão preliminar sobre a relação entre assinatura e poesia, levando em conta o problema do gesto signatário do poeta do contemporâneo, que inscreve seu nome de autor em um contexto que tem, cada vez mais, fomentado a inespecificidade do literário (GARRAMUÑO, 2014). Diante desse cenário, e considerando o caráter ambivalente da assinatura (DERRIDA, 1985, 1991), levantamos a hipótese de que essa ambivalência é reforçada em muitos empreendimentos poéticos da contemporaneidade, como é possível notar nas obras de Ricardo Aleixo e de Angélica Freitas, o que parece ter relação com os trânsitos autorais em busca de uma assinatura e com o papel do leitor para reconhecê-la.

Palavras-chave: assinatura, poesia, literatura contemporânea.

Violência e resistência em A vida invisível de Eurídice Gusmão, de Martha Batalha

Paula Queiroz Dutra, Doutoranda, Universidade de Brasília

O romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), da escritora brasileira Martha Batalha, ilustra, dentro e fora do texto, a invisibilidade das mulheres nas sociedades patriarcais. Recusado por várias editoras brasileiras, o livro só foi publicado no Brasil depois de ter feito grande sucesso no exterior, tendo sido traduzido para dez idiomas.

Com base na crítica literária feminista, este trabalho busca analisar os gestos de resistência das várias personagens femininas ao longo do romance, destacando as diferentes formas de resistir das mulheres, quase sempre invisibilizadas, seja nas relações conjugais, na família, no ambiente de trabalho ou frente a situações de violência e opressão nos diferentes espaços que percorrem na sociedade.

Palavras-chave: autoria feminina, violência contra a mulher, Martha Batalha

Becos da memória, de Conceição Evaristo: famílias monoparentais, feminismos ancestrais

Pollianna Freire, Doutoranda, Universidade de Brasília

O objetivo deste trabalho é discutir sobre a representação de diferentes arranjos familiares, especialmente das famílias constituídas e mantidas sozinhas por mulheres, no romance *Becos da memória* (2013), da escritora Conceição Evaristo. Considerando que o ideal de família burguesa é uma criação historicamente recente, pretende-se refletir, com embasamento teórico nos estudos de gênero e na crítica literária feminista, sobre o modo como diferentes tipos de famílias são representadas na literatura brasileira contemporânea, especialmente a de autoria feminina, sob as perspectivas de gênero, de classe e de raça.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Famílias; Literatura Brasileira Contemporânea

Cidade de Deus Z: apocalipse zumbi e crítica social

Waldson Gomes de Souza, Mestrando, Universidade de Brasília

Cidade de Deus Z (2015), de Julio Peclý, é um romance sobre invasão zumbi que se destaca não só por sua ambientação, mas pela origem do vírus e suas consequências. O vírus se desenvolve a partir de um lote estragado de crack que entra na Cidade de Deus, contaminando e mudando o comportamento dos usuários da droga. É objetivo deste trabalho analisar como Peclý utiliza essa temática para descrever os efeitos do crack e questionar o modo como o governo lida com essas pessoas – que, no contexto criado, passam a ser vistas como um problema ainda maior e possuidoras de vidas ainda mais descartáveis.

Palavras-chave: Cidade de Deus Z; ficção especulativa; apocalipse zumbi; Julio Peclý;



Apoio:

